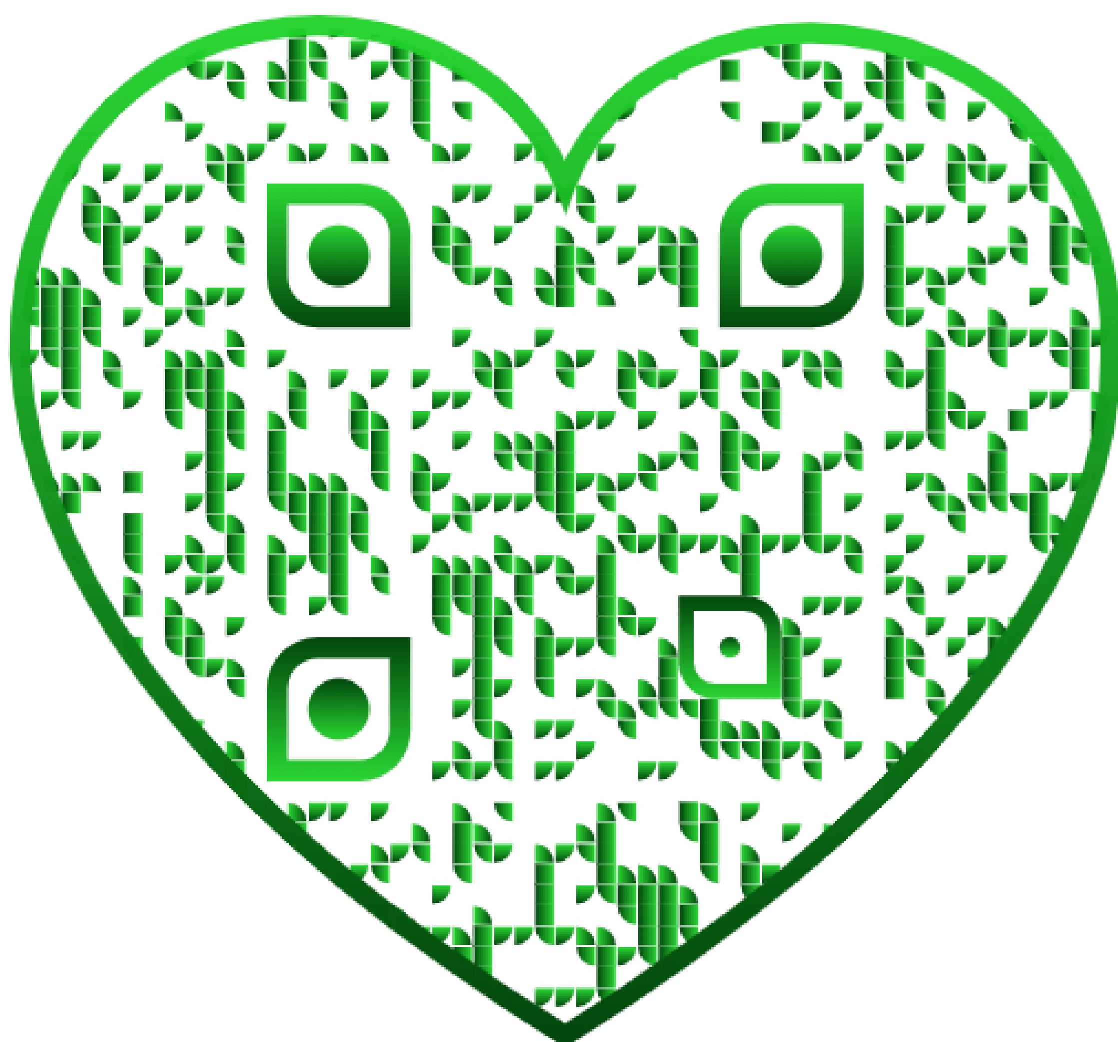
AMORES VIRTUAIS & OUTROS BABADOS

Anne Glauce Freire

Virtualbooks



AMORES VIRTUAIS
& OUTROS BABADOS
Anne Glauce Freire

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks, com autorização do Autor.

O Autor gostaria de receber um e-mail de você com seus comentários e críticas sobre o livro.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se algum suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: favor avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br, para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.terra.com.br/virtualbooks

Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
vbooks01@terra.com.br
Rua Benedito Valadares,429 - Centro
CEP 35660-000 - Pará de Minas - MG

AMORES VIRTUAIS E OUTROS BABADOS

Anne Glauce Freire

Apresentação:

"Amores virtuais e outros babados" traz histórias reais que colhi nos chats da vida, depois de algum tempo de pesquisa, de bate-papo e amizade no cibermundo. Mas como diz o ditado: quem conta um conto aumenta um ponto, não fugi a regra, pois nada melhor que uma pitada de imaginação pra se contar uma história. Daí então, criei a Dic@, uma personagem fictícia, para vivenciar várias situações que só se pode imaginar no mundo virtual, pois sabe como é a gente conta o milagre mas não diz o santo, nesse caso: os santos!

Vale a pena ler, e quem sabe até se reconhecer numa dessas histórias da nossa cibernética Dic@.

HISTÓRIA1

A nova vida de Raimunda

Raimunda acordou naquele dia como se fosse o último do resto de sua vida. Ela estava com o firme propósito de dar uma reviravolta na sua existência insossa. Foi pra frente do espelho se sentindo mais ela mesma, mais sintonizada com o mundo e coisa e tal. Mas tudo isso tinha um motivo. No dia anterior tinha tido sua primeira experiência na Internet. Navegou em alguns sites, entrou na sala de chat e pronto! Encontrou um novo mundo. 10, 20, 30, 40 pessoas trocando idéias, insultos, trocando de papel, trocando de vida! E Raimunda não podia ficar de fora dessa, tinha que ser *up to date,* se interconectar com o mundo. De cara, mudou de nome. Pois Raimunda nem caía bem, e no chat, tinha que preservar a identidade secreta por trás de um nick. Como ela estava se propondo ser uma nova mulher tinha que adotar um nome simples, de fácil assimilação, porém marcante e mais condizente com a instantaneidade da Net, *of course*. Não especulou muito, mesmo porque a cultura dela não permitia tais viagens semióticas, e acabou apostando numa variação do seu nome: DIC@, com arroba, é claro, pois agora ela era parte da comunidade virtual. Coitado do pessoal do prédio onde ela morava, da padaria, da empresa onde ela trabalhava e da feira, pois ela passou o dia todo a repetir o seu novo nome, o nickname, em alto e bom tom: DIC@! DIC@! Sem falar na resma de chamex que ela gastou digitando o tal nick em todas as fontes e cores possíveis e imagináveis.

Naquele dia, ela chegou cedo ao trabalho, detalhe, era de lá que ela acessava toda vez que o chefe dava uma folga, ou saía pro almoço, e tratou logo de abrir uma conta de e.mail. Afinal de contas sem e.mail, ela não existia na Rede Mundial de Computadores, sem e.mail ela seria simplesmente nada. E nessa fase da vida nada era tudo o que Dic@ não queria ser. Mas voltamos ao eletronic mail, a famosa correspondência eletrônica, Dic@ me contou e quase morri de rir, a crise existencial que ela viveu pra escolher um provedor de acesso gratuito pra abrir a bendita conta. Mas tudo tinha que ser feito da maneira mais rápida possível, o quanto antes entrasse no mundo virtual, melhor seria. Assim foi, dois dias sem dormir e, enfim, ela se decidiu. Dic@ queria o melhor,

mas todos tinham um apelo tão forte na mídia, enfim, pra encurtar papo se inscreveu em todos. Agora que ela já tinha sobrenome virtual era cair na rede.

Era Sexta-feira, e está mais que provável que Sexta-feira tudo acontece, o trabalho acumulou durante a semana, então ela resolveu fazer um serão. Uma boa desculpa pra dar aquela acessadinha básica. Fez metade do trabalho aos *trancos e barrancos* e não resistiu ao click do mouse. Em tempo: a Microsoft adverte – não evite a primeira clicada!

Dic@ entrou no chat anunciando em caixa alta (o que significa gritar na linguagem do chat): ESTÁ PERDIDO? EU SOU A PRÓPRIA DIC@! Imediatamente alguém respondeu, um tal Dead Love, com um oi, escritinho assim, assim meio tímido, a meia boca. Dali em diante Dic@ não parou mais de participar de conversas de chat. Eu? Bem, eu ouvia atentamente tudo o que ela ma contava. E era cada história, umas bem cabeludas, mas não se preocupa não, que eu vou contar tintim por tintim a vida da minha amiga Dic@.

Uma coisa eu tirei de lição: as salas de chat potencializam as características mais enraizadas das pessoas, e isso foi o que me chamou atenção em Dic@, ela começou a ficar meio assim, sei lá diferentona, mais ainda quando começou a se envolver virtualmente com o tal Dead Love, mas isso é uma outra história.

HISTÓRIA 2

A fulana câmera

As salas de bate-papo são o melhor objeto de pesquisa para um antropólogo, um sociólogo, psicólogo, e todos esses ólogos. Cada pessoa por traz de seu nickname (apelido) tem uma gama de mistério, de fascinação que com certeza prende de cara. E nem dá pra ficar explicando, a análise tem que ser “in loco”.

E minha amiga Dic@ que o diga. A nova mulher, dos milhões de e.mails, decidiu acabar de vez com a pobreza de acessar a Internet no Serviço. Comprou um Pentium III, 560mhz, 64 de memória RAM, e coisa e tal, o bichinho só faltava ir ao banheiro sozinho, e baixar a tampa...hahahah. Pra ela nem importava se ia estourar o cartão ou não. Mas era tudo por uma boa causa: o chat. E olha que naquele dia ela tinha extrapolado.

Dic@ pegou o primeiro ônibus do dia. Ainda com sono, cochilou por quase todo o percurso. Também pudera entrou no chat às 8 da noite e só saiu as quatro da manhã do dia seguinte. Resultado: não dormiu. Mas como toda ‘invocada’ de carteirinha, ela tinha uma razão lógica pra isso: “_ Foi aniversário de Dead Love, aquele com quem estou ficando...”. Quase não pude acreditar. Minha amiga Raimunda, ou melhor Dic@, passou nove horas na frente de um micro, numa festa virtual, de um cara que ela está tendo um rolo também virtual. “Me economiza Raimunda!” falei já irritada com o estado mental debilitado da amiga. Mas ela saiu, com um sorrisinho cínico nos lábios: “Você nunca vai entender se não entrar no chat ‘quiridinha’...”.

Estava ficando seriamente preocupada com Dic@, tudo bem que homem é um animal em extinção, mas apelar, já era um pouco demais. Onde fica o toque de pele, o exercício dos sentidos,, o beijo na boca e tudo o mais? Por mais que eu tentasse entender, não conseguia. Amar um cara que se chama Dead Love, mora do outro lado do país, expressar sentimentos por uns tais emoticons, é aquelas carinhas, até engraçadinhas feitas no teclado tipo : -), ou assim ;-(, que a gente tem que virar a cabeça em 90 graus pra entender, e firmar compromisso por e.mail, trocar flores virtuais e se um dia tiver chances de se ver ao vivo e em cores o tal sujeitinho, ainda correr o risco de quebrar a cara, e perder todo o precioso tempo!? Não, decididamente , pra cima de muá não!

Mas descobri que um ser apaixonado na real ou no virtual é tudo farinha do mesmo saco: um bicho burro e sem tino. E minha amiga Dic@ era uma espécie exemplar de paixonite aguda. A última foi que na hora do almoço me convidou pra ir a uma lógica de equipamentos de informática. "_Lá vem você com suas nóias Dica, e o almoço?". Ela me puxou pelo braço, já em direção a porta da rua. "_A gente come um sanduichinho básico!". Eu, fui, fazer o quê? Deixar a desvairada solta é pior.

Quando dou por mim estava no shopping escolhendo a tal webcam, que é máquina fotográfica e câmera de vídeo, santa tecnologia, e santa paciência, o que a gente não faz por uma amiga. Ela toda empolgada, trocou mail com o vendedor, que segundo ela, era até bonitinho, "mas tinha um tique no olho q num cola né miga?", me explicou usando seu internetês. Comprovei que o lance de minha amiga Dic@ era virtual mesmo., o vendedor dando o maior bolão pra ela e ela nem *seu silva* . quando a gente chegou no escritório, ela ligou pro técnico, pra instalar a tal câmera.

O resto do dia passou corrido, melhor pra Dica@ que não via a hora de usar a câmera, pois já tinha combinado um papo cara a cara com o namorado Dead Love. Ela até me convidou pra entrar no chat pra sentir o clima do cibermundo. Mas não rola, babe. Quem sabe um dia...

HISTÓRIA 3

Infidelidade virtual

O namoro de minha amiga Dica ia de vento em popa, com a webcam então, nem se fala. “Dois meses maravilhosos miga, o cara clica no lugar certinho e faz cada download...” Santa fixação virtual, Batman, digo, Dic@! Clicada, download, céus, minha amiga é realmente um caso a ser estudado. “Vai trabalhar Dic@, que tem mais futuro.”

Eu achava graça, mas aquilo estava ficando sério demais, e minha amiga pra entrar numa depressão era um pulinho!

Dito e feito. Ô boquinha santa que eu tenho! Dica faltou dois dias no trabalho, comecei a me preocupar, até que ela me pediu um help. Fui em sua casa. “Miga tô arrasada!”. Então ela se pôs a contar mais uma de suas mirabolantes histórias do cibermundo. Né que a maluquete, deu um golpe certeiro, armou virtualmente e sem querer pra cima de Dead Love? Conto! Ela marcou com ele determinado horário e quis fazer graça entrando com outro nick. Começou a jogar charme pro rapá e né que ele caiu? Ficou cheio de graça, e logo na primeira hora de papo se declarou apaixonado. Coitada da Dica, logo ela que parecia tão certa do amor do moço. “Num dá mais né miga?! Parei com ele, desconectei, excluí da minha área de trabalho, dos meus favoritos e dos meus arquivos temporários!”

Mas se você pensava que Dica ia parar por aí com a história da troca do nick: se enganou. Ela fez pior. Entrou com todos os nicks impossíveis e inimagináveis, e o cara sempre caindo. Mas então ela resolveu radicalizar. Uma bela noite de Sexta-feira, minha amiga já estava com umas red bull na cabeça, no que ela resolve entrar com o sugestivo nick Brilho, um homo depravado. Essa nem eu pude acreditar. Né que o Dead Love morreu de amores pelo robocop gay? Aí o bicho pegou! Mas Dic@ não desceu da CAIXA-ALTA e deletou sem dó ou piedade o maníaco do chat da vida dela.

Eu mesma fiquei chocada com a história. Dic@ tava numa penúria de dá dó. “Dessa vez ela desencana da Net”, pensei cá com meus botões. Mas pensei cedo demais. Na semana seguinte Dic@ me entra na sala de trabalho com aquele brilho no olho que eu já conhecia bem.

HISTÓRIA 4

Um amor com outro se apaga

Dica ficou down por toda a semana, mas estava estranhamente conformada, caladona, muito na dela. "E aí Diquinha?" Foi a deixa pra ela me confidenciar as novidades.

Dica me atualizou, contando-me animadinha que tinha conhecido um rapaz, tipo bom moço, que ficaram amigos e que ele a estava consolando. "Seeeeeeeeei! Essa história eu já conheço." E ela continuou falando que ele era tão bonzinho e que se falavam todo dia. "Acho que vai dar conexão miguinha..."E deu!

Os dois se encontravam todo dia no chat, se falavam por telefone. E a amizade foi ficando tão coloridinha..."Você não tem jeito Raimunda." Mas sabe como é aquela história de chinelinho velho com pesinho doente?! Dica me contou que ele também estava passando por desilusões e que um dia ele ia ser ator. Aí já viu o vírus I Love You acabou com todos os arquivos de sensatez dela, de novo.

Tudo estava indo muito bem, o rapá era um gato, pelo menos pela foto. Daqueles de 1,80 e saradão. Ela se empolgou. Mas a conexão do cara, que ainda estava traumatizado, estava caindo com muita freqüência, mas ele estava com o firme propósito de encontrá-la, na real. "Real?????? Nem louca né miga?!" Tudo o que Dic@ não queria, real era peso demais pra ela, que era fissuradona numa virtualidade. E com tantas possibilidades amorosas no cibermundo, nem dava pra se amarrar num bom mocinho! Né que o destino foi cretino com minha amiga? Logo nessa crise de ciberamantes, ela dá de cara com Dead Love na mesma sala? Rolou de cara uma nostalgia. Daí pra segurar os bits e bytes acelerados sem condiça. O tal bom moço foi descartado e Dead Love reinou por mais um tempo, e olhe que minha amiga já estava até gostando da viagem multissexual do cara. "Miga num faz mal não, é virtual!" Essa era uma afirmativa que eu vinha pensando muito desde que Dic@ caiu na rede. Mas fazer o que? Deixa rolar!

HISTÓRIA 5

Aventuras

Que minha amiga pirou do cabeção desde que começou a acessar a tal Net, é um fato notório, agora que seus valores também tinham distorcido é fueda de se engolir.

Depois do romance com o ator e do tórrido revival com Dead Love, Dic@ topou com Rasputin. Ela me contou que foi amor de cara, que ela assistiu ao filme, se apaixonou pelo desvairado, e que quando viu o nick não resistiu: "Quer tc ou alguma coisa a mais?" Dica pegou pesado. Mas o cara entrou na dela. O resultado nem precisa falar. Ele morava numa cidade próxima, então decidiram se encontrar. Glória Deus! Pelo menos Dic@ resolveu encarar uma real. Fiquei animada, minha amiga finalmente teria cura. Rasputin e Dic@ se falavam todo dia, no meio da semana se encontravam, e até parecia uma vida normal. É parecia...

Alugaram apartamento, mobiliaram a casa, minha amiga Dic@ até tirou licença do trabalho! É, mas um belo dia Dic@ chegou de mala e cuia em minha casa. "Miga, o Rasp me deu um pé na bunda, vendeu minha casa sem eu saber e ainda por cima o encontrei com outra na casa que alugamos!". Meus deuses, o que poderia ser pior?! "Tem mais miga...". Mais? Eu não poderia acreditar. Então ela me contou entre lágrimas e soluços que o sedutor era casadinho da silva, que tinha amores em cada canto da região e que a Net era o canal para as façanhas do moço. Bem, não poderia ser diferente, em se tratando da minha amiga Dic@. Mas, por incrível que possa parecer, tudo foi ficando diferente. Dic@ pediu pra ficar uns dias na minha casa, enquanto alugava uma kit. Ia todos os dias para a aula de tai chi chuan, fazia meditação e coisa e tal. Tudo estava normal demais, é ver pra crer.

HISTÓRIA 6

Outros babados

Minha amiga Dic@ tinha acabado de fazer a mudança de minha casa quando chegou uma correspondência pra ela. Não tinha nome de remetente, mas pelo selo era do estrangeiro. "O que essa maluca anda aprontando?". Deixei a carta de lado com intuito de entregá-la no outro dia.

Tive uma noite de cão, com assalto na vizinhança que me custou uma noite de sono: resultado esqueci da existência da bendita carta. Pra completar a diarista meteu a infeliz não sei onde! Trabalho e mais trabalho, sem pausa pro almoço, assim passou o dia. Me assustei quando no final do expediente um rapaz boa pinta veio procurar por Dic@. Ela me contou cheia de dedos que era seu namorado. "Namorado? E a net, as virtualidades, os amores e outros babados." Ela sorriu: "Tô fora miga!". Quase não acreditei, pensei que fosse só uma recaída na real, mas será que me enganei?! Seis meses de namoro, casamento marcado, e ainda me restavam dúvidas. Ver aquela certeza estampada na cara da minha amiga, aquela situação perfeita, e aquele cara que nada tinha a ver com computador, nem gostava de tais modernidades. Tem alguma coisa muito estranha...

Mas o casamento foi uma belezura, lua de mel na fazenda da família do moço, e , pasmem: nada, nadica de computadores! Dic@ até largou o emprego e foi morar na fazenda, pra ver como é a vida, logo ela, voltando a ser a Raimunda de sempre.

Um belo dia minha amiga Raimunda foi me visitar, mas eu tinha ido às compras e a diarista falou que ela podia entrar e ficar a vontade. Foi o que ela fez. Sem nada pra fazer ela começou a mexer nuns livros da minha estante. Numa dessas peças que o destino prega na gente ela encontra dentro de um livro uma carta. Pois é, lembra daquela tal carta do estrangeiro que esqueci de entregar? Era a bendita! Não vi, mas pude imaginar o brilho no olhar da minha amiga quando viu aquela carta endereçada a ela.

Quando cheguei em casa, a diarista me deu recado de uma certa amiga esquisita que esteve veio me ver. "Cadê a figura?" a resposta foi que se mandou e deixou um recado em cima da mesinha, perto do livro. Dizia assim: "Dentro do livro 'Amar se aprende amando' tive um inevitável encontro com meu destino, uma carta, que mostrava meu verdadeiro eu, meu verdadeiro mundo, ou melhor cibermundo!". Passei

pelo menos 30 minutos pra aceitar, mais 10 pra tomar fôlego e mais cinco pra sentar. Resolvi ficar quieta, na minha.

No outro dia, o marido fazendeiro apareceu na minha casa procurando por Raimunda, mostrei o bilhete, não tive saída, e expliquei o lance da carta. Ele amassou o bilhete e sumiu, nunca mais deu notícias. E a maluquete da Dic@? Por essa nem eu esperava, entrei no chat, pela primeira vez, pra dar uma de ciberdetetive, fiquei sabendo de uns amigos virtuais dela que ela estava rodando o mundo, atrás de um e de outro amor virtual. É, né que minha amiga levou a sério o lance de que “amar se aprende amando...”. E eu? O bichinho da curiosidade me mordeu e resolvi espiar esse cibermundo de perto, pra contar de certo!

****

Dados sobre a Autora e sua Obra



Anne Glauce Freire, tem 29 anos, nasceu em 22 de maio de 1972; é casada e tem duas filhas: Adah e Enya. Está formando-se em Comunicação Social, habilitação Rádio/TV, na Universidade Federal do Maranhão. Escreve desde os 12 anos de idade. Já participou de vários concursos e festivais de poesia e teve seus trabalhos publicados em alguns jornais literários. Em 1993, recebeu menção honrosa no Festival de poesia do **Poeme-se**, ficando em segundo lugar no X Festival de Poesia Falada da Universidade Federal do Maranhão, foi classificada entre os 26 poetas, entre os 700 do Brasil, que participaram do Salão Dezembro de Poesia, da Fundação da Memória Republicana.

Atualmente, dedica-se aos contos infantis e adultos.

Para corresponder com Anne Glauce Freire, escreva:
anfreire@zaz.com.br